O Navio-Fantasma

O debate de ontem ocorreu pouco mais de 48h depois da intervenção do Presidente, que mudou tudo, mas os fantasmas continuaram como se nada mudasse

Tenho usado nestes últimos dias a história do navio Holandês Voador, para falar do nosso governo "irrevogável". O Holandês Voador é o navio-fantasma que vagueia de porto em porto sem nunca poder descansar em nenhum, sem bússola que aponte o norte, povoado por um capitão e por marinheiros-fantasmas, amaldiçoados por um qualquer acto de blasfémia, e cujas velas se enfunam no sentido contrário dos ventos. É uma velha lenda de países que tinham navios e marinheiros, que sabiam bem como o mar é imponente, perigoso, aterrador, misterioso, e que faz parte daquele património simbólico que, na nossa história ocidental, retrata a maldição.

Wagner fez dessa história uma ópera sombria cheia de obscuridade e medo, em que ainda o amor puro pode ser salvífico, mas que transporta a lenda com toda a sua força para o palco e para a voz. O momento crucial da maioria das encenações, explorado dramaticamente pelos maiores cenógrafos, é quando de repente as velas vermelhas em farrapos, o casco carcomido, as cordas que não seguram nenhuma coisa, as sombras dos mortos-vivos, aparecem de repente num palco quase sem luz, em que soa a voz do desespero do capitão e a falsa esperança dos marinheiros por tocarem terra.

Como acontece com muitas destas lendas, como a do Judeu Errante que foi visto em Nova Iorque nos anos trinta, de vez em quando há marinheiros que vêem o Navio-Fantasma passar diante dos seus olhos, silencioso e aterrador, ou numa noite de calmaria, ou no meio de uma tempestade. Lembra-os de que o Mar é demasiado forte para com ele se medirem, que precisam de todos os deuses para afrontar o destino, e que há mortos que nunca têm descanso.

Usar estas lendas para falar do nosso miserável quotidiano e da nossa mesquinha actualidade é algo que me incomoda mesmo quando sejam certeiras. Apesar de tudo, o Navio-Fantasma traz atrás de si um rastro de histórias e de grande e pequena arte, de criação pura e de literatura de cordel, que é demasiado injusto gastar para falar de peripécias pequeninas, e de gente com o mesmo tamanho dessas peripécias. Mas cada um tem a maldição que lhe cabe e a nós, portugueses, calhou esta, de ver o Navio-Fantasma a passar diante dos nossos olhos e a recusar-se a voltar ao reino dos mortos, por arremedo de que os seus marinheiros têm vida. Não têm. Estão do outro lado, o que parece ser difícil é enterrá-los e não há, como na ópera de Wagner, nenhuma mulher de infinita pureza que se atire ao mar para os salvar. Onde tocam, tornam tudo impuro.

De facto, poucas coisas parecem mais irreais do que a política portuguesa destes dias. Um governo morto sobrevive como *zombie*, ministros demitidos e demissionários convivem uns com os outros num ambiente de fim dos tempos, procurando um porto a que nunca chegam, sombras das sombras, em que não se sabe que pasta tem cada um. À porta, outros ministros que não chegaram a ser, despediram-se de empregos e família, e agora estão numa terra de ninguém sem saber se regressam ao lar ou se entram no gabinete. Outros começaram a preparar a vida cá fora, despejaram os seus gabinetes, mandaram fotocopiar as proverbiais milhares de folhas de seguro de vida, e verificaram

que as portas se recusam a abrir e, sem cabeça nem disposição, ficam condenados a uma espécie de despacho infinito de um cargo que era suposto já não terem.

O debate do "estado da nação" teve o mesmo tom irreal do Navio-Fantasma. Um governo póstumo responde às críticas ao "estado da nação" do presente com a promessa de redenção do futuro. A mesma promessa que já fora feita um ano antes, no mesmo debate, com as mesmas personagens. Há um ano, o primeiro-ministro garantira que não iria haver novo aumento de impostos, a que se seguiu o "enorme aumento de impostos". Que valem as palavras ditas por fantasmas? Nada, são um vento oco que perturba o ar.

O debate ocorreu pouco mais de 48 horas depois da intervenção do Presidente da República, que mudou tudo, mas os fantasmas continuaram como se nada mudasse. O primeiro-ministro, que se tivesse um resto de hombridade já de há muito se teria demitido, engole tudo para permanecer no poder. Acaso ele não compreendeu que há três coisas que o Presidente disse que mudaram tudo? Uma, a de que lhe parecia pouco apropriada à situação a remodelação que o PSD-CDS lhe trouxe, e por isso não a aceitou como boa. Outra, que o PS tem de ser envolvido na governação, ou nas condições de governação, dando ao PS um direito virtual de veto, que por si só também altera tudo. Já não basta andar a repetir a mantra do "consenso", como o ministro Maduro faz, partilhando da crença enraizada nestes políticos de que basta mudar as palavras para alterar a realidade. E por fim, que haverá eleições antecipadas em Julho de 2014, e que por isso as juras de fidelidade entre Passos e Portas, para governarem até 2015, desapareceram do mapa. Tudo isto que mudou altera profundamente os dados da situação, e sempre de forma punitiva contra o actual governo que habita o Navio-Fantasma.

Eu não sei como se vai sair desta situação, a não ser que valha tudo e tudo continue na mesma. Sei lá! Aí o Presidente entrará para a tripulação de um navio em que se deixou viajar depois do discurso de 25 de Abril. É verdade que nesta crise percebeu que a tripulação do Navio-Fantasma não tinha qualquer consideração por ele, e tratou-o no dia da demissão de Portas, como um grumete a quem não se informa da fuga do imediato e do naufrágio iminente. Mas não basta. As respostas que o Presidente quer dar dificilmente resolverão o principal problema que hoje atravessa o nosso sistema político, o seu bloqueamento, que não poderá já ser atalhado por medidas que podiam ter mérito se não fossem demasiado tardias. Hoje, o bloqueamento não se ultrapassa sem haver novas eleições, pode apenas adiar-se, mas com muito maiores custos do que os das eleições.

Aliás um dos crimes contra a nossa democracia é o atentismo de quem não quer eleições antecipadas e por isso não mexe uma palha para minimizar os seus efeitos. Os tempos eleitorais são longos? É verdade, mas o que é que impede de serem de imediato encurtados numa nova lei, essa sim de emergência? Já se fizerem coisas bem mais graves numa semana, por exemplo, para alterar a Constituição ao sabor dos tratados europeus.

Porém, o que acontece é que quem não quer eleições antecipadas não faz nada para lhe minimizar os custos, como não faz nada para limitar os efeitos nos "mercados", que parece acabar por desejar para incutir medo face ao funcionamento da democracia. Se o Presidente entende que é possível e até "fácil" fazer um acordo entre os três partidos, por que razão não canaliza esse acordo para garantir condições para que um governo de

gestão possa tranquilizar os mercados, permitindo-lhe actuar com base num acordo tripartido, o mesmo aliás que permitiu que, numa situação de gestão idêntica, o PS pudesse assinar o acordo com a *troika*? Se foi possível essa assinatura, porque não é possível conduzir uma negociação que tranquilize os mercados, que hoje mais que tudo desejam entendimentos que ultrapassem o governo PS-CDS, mais até do que implementação do "ajustamento" a ferro e fogo? Isso tornaria as eleições antecipadas menos penosas em termos de instabilidade, e certamente mais "seguras" do que a actual situação.

Têm as eleições muitos riscos? Certamente que têm, mas menos do que a situação actual. Pagaremos um preço muito duro pelos anos de Sócrates e de Passos Coelho. Mas as eleições poriam todos em cima de terra, e pelo menos durante algum tempo, as possibilidades de entendimento geradas pelo desbloqueamento existiriam. O Navio-Fantasma voltaria ao Mar das Sombras, de onde permitimos que saísse e talvez, talvez, algum cuidado se tivesse com o reino dos vivos.

José Pacheco Pereira – "Público" 13 julho 2013

(transcrito em www.clubedejornalistas.pt)